

Capítulo 6

TV DIGITAL: UM ESTUDO SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*Heli Sabino de Oliveira
Maria José Batista Pinto Flores
Análise de Jesus da Silva*

Este capítulo tem por objetivo analisar as formas pelas quais estudantes e professores da educação de jovens e adultos (EJA) da Região Metropolitana de Belo Horizonte relacionam com a televisão, bem como compreender expectativas que possuem em relação à TV digital e suas potencialidades no contexto educativo³⁷. Cumpre sublinhar, de saída, que o projeto desenvolvido pela **Seja Digital** e pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais abrangeu uma ampla atuação formativa, abrangendo contextos escolares e não escolares. Pode-se dizer que, no que se refere ao trabalho junto às escolas, buscou-se várias frentes de trabalho de formação continuada com os professores, privilegiando esse sujeito coletivo como ator principal na disseminação de usos e apropriações críticas do processo de transição da TV analógica para a TV digital³⁸.

Para que se tenha uma ideia da dimensão desse projeto no âmbito escolar,

basta observar o número de ações realizadas a partir da parceria entre **Seja Digital** e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais: 805 professores da educação básica participaram da *Formação Continuada Conexões Escolares com a TV Digital*, sendo que, deste universo, 147 professores eram atuantes na EJA. A formação consistiu tanto em trabalho com docentes no contexto da universidade, quanto em visitas e formação nos diversos contextos escolares, por meio de oficinas e palestras baseadas na coleção *Conexões Escolares com TV Digital* (2017). Além disso, 10 professores da modalidade EJA participaram de uma formação continuada, com carga horária de 16 horas, na Faculdade de Educação, conforme destacado no capítulo 3, deste livro, e, em seguida, foram convidados a participar da pesquisa que observou como os conteúdos da formação foram trabalhados em sala de aula.

Considerando que a coleção *Conexões Escolares com a TV Digital* traz elementos que podem contribuir para a educação midiática em sala de aula – bem como conceitos envolvidos no processo de transição da TV analógica para a TV digital, e propostas de ensino que possibilitam a realização de intervenções educativas –, propusemos uma investigação junto a docentes (e seus alunos) participantes da referida formação continuada, focalizando sujeitos da modalidade educação de jovens e adultos³⁹.

A escolha desse público se justifica pela especificidade educativa que, entre outros fatores, apresenta uma diversidade de experiências de vida que só enriquece a interação em ambiente de sala de aula. Podemos dizer que, entre esse público, a convergência oriunda de diversidade geracional, de origem geográfica e de apropriação de bens públicos e culturais se faz muito presente, e constitui-se um desafio constante em termos de práticas educativas emancipatórias. Nessa perspectiva, propusemos uma pesquisa qualitativa, considerando-a condizente com o objeto proposto, pois busca-se atribuir sentido aos dados obtidos, tendo em vista o contexto em que estão inseridos. Ela parte de um processo de construção, interpretação e explicação das relações estabelecidas entre os dados coletados e os referenciais teóricos elegidos. (SAMPIERI et al, 2010).

A pesquisa de campo ocorreu durante realização de atividades pedagógicas em sala de aula, por uma equipe de estudantes de graduação, bolsistas de cursos de licenciaturas, que visitou dez escolas, a fim de coletar dados

que permitissem examinar os usos e significados que professores e educandos estabeleciam com a televisão em seus cotidianos, incluindo o contexto escolar. Tudo isso em um momento no qual acontecia o processo de migração para o sinal digital de televisão nos domicílios da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A pesquisa de campo teve como sujeitos dez professores (um professor de cada escola) e vinte estudantes (dois alunos de cada estabelecimento educativo). Foram entrevistados 4 mulheres e 6 homens.

Os dados coletados foram organizados por meio da análise de conteúdo, buscando, nos depoimentos dos estudantes ressaltar os aspectos relacionados às interações que têm com a TV digital e as tecnologias em geral. Essa escolha nos permitiu verificar a diversidade de interação e suas peculiaridades, assim como problematizar as possibilidades formativas a serem fomentadas nas práticas da EJA. A coleta de dados se deu por observação e entrevistas semiestruturadas, buscando “documentar o não documentável”, conforme expressão de Maria Cecília Minayo (1998). O objetivo desse tipo de entrevista é instigar à reconstituição da experiência por meio do encontro com o outro e de possíveis interpretações sobre a realidade.

Neste sentido, as entrevistas foram guiadas por bolsistas nos contextos escolares, por meio de uma técnica que buscava, através do diálogo, uma aproximação com os sujeitos a partir de questões relacionadas aos seus gostos e hábitos cotidianos (comidas, lazer e rotina) e, posteriormente, prosseguia sobre a relação dos sujeitos com a escola e com a televisão em particular. Buscava-se, assim, um certo distanciamento em relação ao pro-jeto, tentando não conduzir uma entrevista que pudesse ganhar o caráter de processo avaliativo em relação à TV digital, que estava sendo estabelecido naquele contexto. Percebeu-se, durante o processo de coleta de dados, uma grande inibição dos entrevistados, especialmente da parte dos estudantes da EJA, reverberando em falas curtas e pontuais. No caso dos professores, contudo, observou-se mais desenvoltura nos depoimentos. Os docentes nos forneceram narrativas relacionadas aos processos vivenciados na relação que estabelecem com a televisão TV digital, bem como o que exploram em suas práticas educativas, tanto espontaneamente como a partir da participação que tiveram na *Formação Continuada Conexões Escolares com a TV Digital*.

Já a pesquisa de campo produziu informações e dados que nos remeteu a autores que nos permitem compreender em que medida a transição entre TV analógica para TV digital afeta nossos modos de vida cotidianos, demandando-nos ressignificação das relações e, portanto, sendo eminentemente educativo. Para tanto, recorremos a diversos estudos que tratam da relação entre mídias, educação, tecnologias digitais, dando maior importância à configuração da TV digital nesse universo. Privilegiamos, nesses estudos, referências assentadas na noção de cultura e recorremos aos seguintes autores: Jesús Martin-Barbero (1999), Paula Sibilia (2012), Maria Luiza Belloni (2012), Tom Chatfield (2015), Pierre Levy (1999), Henry Jenkins (2009) e José Manuel Moran (2013).

Buscamos analisar os depoimentos dos educandos e educadores considerando que o contexto de mudança da televisão analógica para a televisão digital representa uma significativa transformação na forma como essa mídia opera com a informação e comunicação. Trata-se de uma transformação que integra diferentes mídias em um mesmo aparelho, como já ocorre com celulares, que agregam vídeos, câmeras fotográficas, televisão, jogos, internet e outros. Essa multifuncionalidade, como suporte e em sua natureza digital, supostamente transformaria a televisão em uma mídia com maior interatividade e mais dinamismo na sua produção. No entanto, há um aspecto aqui que não pode ser ignorado: o acesso a tais tecnologias ainda é escasso em relação às camadas populares, bem como distribuído de maneira desigual e debilitado em termos da capacidade potencial. Isso não quer dizer que não tem sido crescente o aumento da população brasileira na rede mundial de internet. Ao produzir um indicador de integração de telefonia, internet e celular (ITIC), a partir da análise da população de 5.550 municípios brasileiros, a Fundação Getúlio Vargas apontou que “o Brasil se situa na 72ª posição com 51,25% de ITIC, próximo da média global de 49,1%”, considerando 150 países estudados. (FGV, 2012, p.07). No entanto, nesse mesmo estudo, podemos ver a existência de municípios em extremos opostos em termos de acesso à internet: São Caetano do Sul com 74% de conectividade e Aroeiras (PI) com zero conectividade. Em relação ao celular, verificou-se Chapadão do Céu (GO) com 97,9%, e Alvorado do Fernando Falcão (MA) com 9,2%.

Com esse aparato, construímos esse capítulo, que está organizado em quatro seções e as considerações finais. A primeira seção, Diálogos entre

sujeitos da pesquisa e o campo da educação de jovens e adultos, trata dos fundamentos e conceitos que orientam a educação de jovens e adultos, buscando contextualizar o espaço sociopolítico em que os sujeitos estão inseridos. Trata-se de uma modalidade com características próprias, que requer procedimentos pedagógicos específicos e diferenciados. Isso porque seus sujeitos se notabilizam pelo fato de terem sido excluídos da educação básica na infância e na adolescência. A segunda seção, Pesquisadores de campo: em foco as experiências das estudantes universitário, coloca em relevo as expectativas dos estudantes bolsistas da Universidade Federal de Minas Gerais acerca das formas pelas quais estudantes e professores da EJA se relacionam com a televisão. Além de compartilharem as suas percepções sobre o processo de pesquisa de campo, destacam a relevância do projeto para a sua formação como futuro professor e os novos saberes adquiridos a respeito da TV digital. A terceira seção, Educação e cultura televisiva: em foco os múltiplos olhares dos educandos da EJA, analisa os depoimentos concedidos por estudantes da educação de jovens e adultos, com ênfase em suas preferências de programações televisivas. A seção examina algumas características da sociedade contemporânea, com foco nas tecnologias digitais e nos novos desafios impostos à educação escolar. Por sua vez, a quarta sessão, denominada A EJA e TV digital: em foco a ocupação estratégica dos professores na construção de novos conhecimentos, analisa os depoimentos dos professores que participaram da pesquisa, destacando suas propostas educativas que tiveram como referência atividades sugeridas pela coleção pedagógica da **Seja Digital**. Nas considerações finais, retomamos os pressupostos defendidos pelo projeto de formação continuada da SejaDigital/FaE-UFMG. Sustentamos que não se trata, simplesmente, de revisar os currículos e modificar os dispositivos tecnológicos, mas, sim, de construir redes de conhecimento e interação entre as pessoas, e de compreender o acesso às tecnologias digitais como um direito dos sujeitos.

Diálogos entre sujeitos da pesquisa e o campo da Educação de Jovens e Adultos

A educação de jovens e adultos é um campo político de formação e investigação que está comprometido com a educação de trabalhadores que estudam e com a superação das diferentes formas de exclusão e discrimi-

nação existentes em nossa sociedade, as quais se fazem presentes tanto nos processos educativos escolares quanto nos que vão além da escola (SOARES, 2005). A EJA é também uma modalidade de educação construída a partir da constatação de que os sujeitos socioculturais – educandos e educandas, educadores e educadoras – aos quais envolve trazem consigo um repertório de vivências e saberes que devem ser tomados como norteadores de suas propostas político-pedagógicas. E, por ser uma modalidade da educação básica, a educação de jovens e adultos não pode reproduzir a mesma matriz curricular do ensino fundamental e médio destinada a crianças e adolescentes. Em vez disso, a educação de jovens e adultos deve ser pensada como uma modalidade que requer um olhar específico e diferenciado, tendo como eixo seus sujeitos e suas necessidades básicas de aprendizagem.

Dessa forma, a EJA diz respeito a um campo teórico e prático vasto que mantém numerosas interfaces com temas correlatos. Entendemos que, se ao longo da última década, as ações, os projetos e programas de educação escolar no Brasil trataram como prioridade a universalização do acesso e permanência de crianças e adolescentes no ensino fundamental, o quadro educacional brasileiro ainda se mostra bastante insatisfatório quanto à garantia dos direitos. Com isso, um de seus grandes desafios continua sendo oferecer educação básica aos jovens, adultos e idosos que a ele não tiveram acesso ou não conseguiram concluí-lo com êxito, marcando em qualquer uma das formas a negação do direito constitucional e humano à educação.

Segundo Sérgio Haddad (2007), “é importante salientar, ainda, novas e criativas formas de organização da sociedade na luta pelos direitos educacionais dos jovens e adultos”. Entendemos que tal intento se efetiva na medida em que cumprimos o objetivo de desenvolver conhecimento na partilha de saberes com os educandos da modalidade, e em que contribuímos com a formação de profissionais da educação para a produção e avaliação de materiais didáticos, a criação e o aprimoramento de novas metodologias e tecnologias de ensino. Assim, concebemos a relevância da formação continuada em um serviço que qualifique o educador para o trabalho com a educação de jovens, adultos e idosos, como direito de cada sujeito e da classe trabalhadora. Trata-se de uma educação que contempla as diversidades com qualidade social, promovendo a elevação de

escolaridade de trabalhadores que assim o desejarem de forma integrada à educação profissional, na perspectiva da educação popular, com a intencionalidade de inserir estes trabalhadores de maneira também qualificada no mundo do trabalho.

No Brasil, o nível de escolaridade da população é baixo e desigual. Essa desigualdade aparece mais claramente entre as diferentes classes e grupos sociais (conforme a renda familiar), entre a zona rural e urbana, entre as diferentes raças/etnias. Importante destacar que, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-2014), o Brasil possui 14,1 milhões de pessoas não alfabetizadas com 15 anos ou mais de idade. Nós, que vivemos em uma sociedade grafocêntrica, sabemos o peso que tem a visão do analfabeto como um indivíduo alienado, incapaz, ignorante, à margem das decisões da sociedade e do poder construído ao longo da nossa história. Sabe-se como esta visão continua influenciando a maneira pela qual os poderes públicos tratam a questão da educação de jovens, adultos e idosos, sua inclusão na sociedade e sua inserção no mundo do trabalho. A mesma pesquisa aponta que há 52 milhões de pessoas com 15 anos ou mais sem ensino fundamental e 22 milhões de pessoas com 18 anos ou mais sem ensino médio, totalizando 43% da população brasileira.

Segundo pesquisa realizada por Silva (2017), o quadro mineiro não é menos avassalador, quando se trata da negação de direitos à escolarização. Há em Minas Gerais 1.247.010 cidadãos e cidadãs não alfabetizados(as), com 15 anos ou mais de idade. Quando nos reportamos àqueles e àquelas que têm o ensino fundamental incompleto, tratamos de 7.287.140 cidadãos e cidadãs, com quinze anos ou mais de idade. Completando este quadro, temos 2.829.240 de pessoas com ensino médio incompleto.

Neste contexto em que o direito à educação ainda é um desafio, selecionamos dez escolas voltadas à educação de jovens e adultos com a finalidade de contribuir na construção de um currículo emancipatório, centrado nas necessidades básicas de aprendizagem dos seus alunos. Para que nos aprofundemos nesse debate, torna-se necessário conhecer, em linhas gerais, os sujeitos que participaram do processo de coleta de dados: alunos, professores e estudantes universitários. Isso permitirá que os depoimentos sejam contextualizados e tenham sentido.

Pesquisadores de campo: em foco nas experiências dos estudantes universitários

Os seis bolsistas que participaram do projeto destacaram a importância de se estudar sobre a televisão digital e, ao mesmo tempo, inserirem-se na educação de jovens e adultos, que continua sendo uma lacuna na formação dos cursos de licenciatura. Em depoimento, alguns bolsistas destacaram a importância desse projeto em sua formação inicial como professor.

Eu gostei muito. Além de aprender coisas que não sabia sobre a migração da TV analógica para a TV digital, pude conhecer um pouco sobre a modalidade de educação de jovens e adultos. Aqui na universidade, a ênfase do curso se dá na formação de professores para trabalhar com crianças, adolescentes e jovens. Dessa forma, tive a oportunidade de conhecer uma turma de adultos e idosos
(Alisson, estudante do curso de História)

Sobre a fala do estudante universitário em questão, cumpre destacar que não se trata de uma percepção descolada do contexto em que são formados academicamente os profissionais da educação. Segundo o ex-secretário Nacional de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Ricardo Henriques, existiam, em um levantamento realizado em 2006, mais de 175 mil professores que atuavam nas redes municipais e estaduais como educadores da EJA.

Desses, a grande maioria nunca recebeu uma formação específica para a função que exercem. Apesar da magnitude do desafio, a Educação de Jovens e Adultos ainda possui pouca expressão nas universidades, seja no ensino – habilitações específicas em EJA – seja em pesquisa – representa uma porcentagem ínfima até mesmo na pesquisa desenvolvida no campo geral da educação – seja na extensão –, o campo por onde a EJA historicamente entrou no portal da universidade **(HENRIQUES, 2006, p. 8)**.

O lugar periférico ocupado pela EJA nos cursos de licenciaturas explica, em parte, a ausência de uma formação específica para atuação nessa modalidade educativa. Veja o depoimento de uma bolsista que participou do nosso projeto de pesquisa, ao ser indagada sobre sua participação no projeto da **Seja Digital**.

Pontuo quatro coisas importantes na pesquisa da Seja Digital que participei: uma, é a bolsa propriamente dita – estava passando por um momento financeiro difícil. A outra foi o contato com uma proposta que vejo como inovadora pedagogicamente. A terceira foi compreender que a televisão possibilita uma aproximação do estudante com o conhecimento escolar e que uso da televisão como objeto de estudo cria novas (sic) possibilidades educativas. E, por último, o contato que tive com a EJA (**Joelma, estudante de Artes**).

A bolsista, quando destaca que o contato com a EJA foi um ponto importante durante a realização da pesquisa de campo, coloca em evidência uma lacuna dos cursos de licenciaturas, que, via de regra, não oferecem habilitações nessa modalidade de ensino. Nesse sentido, o professor Leônicio Soares, analisando dados do INEP, faz as seguintes ponderações:

Segundo os dados INEP de 2002, das 519 Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras que ofertam o curso de pedagogia e que foram avaliadas pelo Exame Nacional de Cursos, apenas nove (1,79%) oferecem habilitação em EJA: três no Sudeste e três no Nordeste (MEC/INEP, 2002). Os dados de 2005 revelam que houve aumento, ainda que pouco expressivo, do número de instituições que oferecem a habilitação de EJA para os cursos de Pedagogia: das 612 contabilizadas, 15 oferecem a habitação (2,45%) e, dos 1698 cursos, há 27 ofertando essa modalidade específica (1,59%) (**SOARES, 2008, p. 86**).

Os estudos demonstram, assim, que a formação acadêmica inicial tem, via de regra, colocado em segundo plano a formação do profissional docente no campo da educação de jovens e adultos. A rigor, a porta de entrada da EJA na universidade tem sido por meio de extensão universitária. De certa forma, o lugar marginal e periférico ocupado pelos sujeitos dessa modalidade de ensino na sociedade brasileira reflete na formação de professores dos cursos de licenciatura.

A gente teve a oportunidade de ir à escola, conversar com professores e alunos. Coisas que ainda não haviam sido feitas aqui na universidade. Gostei de ter aprendido sobre TV digital e compreender que a televisão pode ser usada como ferramenta pedagógica. (**Luciana, estudante de História**)

Note aqui dois pontos recorrentes nos depoimentos dos bolsistas: a) as novas possibilidades educativas suscitadas pela TV digital; e b) a inserção que tiveram na modalidade de educação de jovens e adultos. Pode-se dizer, assim, que o projeto cumpriu um papel importante na formação dos bolsistas, permitindo que eles fossem inseridos em uma modalidade educativa que tem tido pouco atenção nos cursos de formação de professores. Além disso, permitiu que os estudantes de licenciatura tomassem conhecimento sobre novas formas de se pensar a TV.

Em suma, os bolsistas tiveram a oportunidade de se relacionar com professores e alunos da educação de jovens e adultos, bem como refletir sobre as singularidades dessa modalidade educativa, marcada por uma diversidade geracional, que se manifesta não somente em diferentes níveis de escolaridade, mas também em distintas práticas culturais e sociais, especialmente no que diz respeito aos acesso às tecnologias digitais e aos diferentes usos da televisão. A seguir, apresentamos as formas pelas quais educandos da modalidade de educação de jovens e adultos se relacionam com a televisão e se apropriam de outras mídias e recursos digitais.

Educação e cultura televisiva: em foco os múltiplos olhares dos educandos da EJA

A especificidade da educação de jovens e adultos nos interpela de maneira mais profunda sobre a relação entre educação e TV digital, considerando que no cenário acima descrito essa modalidade educativa se configura no horizonte de uma população significativa que não teve acesso à função básica esperada da escola: “ler e escrever”. Trata-se de sujeitos apropriando-se da lecto-escrita e, ao mesmo tempo, convivendo em uma sociedade permeada pela cultura digital, que traz novas demandas de apropriações tecnológicas como condição de sociabilidade e participação plena na vida pública. Dessa forma, como pensar a educação neste cenário? E não há como a educação se furtar dessa relação e trazer para si uma atenção sistemática a tal condição dos educandos, como mesmo reforça Martín-Barbero (1999), em entrevista à revista *Comunicação & Educação*, cedida às pesquisadoras Roseli Fígaro Paulino e Maria Aparecida Baccega:

Antes os jovens iam à escola aprender a ler e a escrever. Agora, chegam à escola com novas linguagens, novos modos de ler e escrever que a escola não quer acolher. Não sabe, não entende, é outra coisa. O problema básico da escola é abrir-se para novas linguagens. Mas abrir-se, como dizíamos, não de forma instrumentada, mecânica, modernizante, apenas como adorno. Em primeiro lugar, a ideia é abrir a agenda de temas que interessam à juventude. São muitos os temas que não chegam ao adolescente e ao jovem pelo lado da escrita: livros, jornais, revistas. Mas que podem chegar pela televisão. Ou seja, a televisão pode agendar temas importantes sobre o país e o mundo. E, em segundo lugar, a televisão poderia mostrar-se para a escola como uma chave do aprendizado de toda a sofisticação que hoje passa pela experimentação audiovisual. Quero dizer que a maioria das pessoas pode ver na televisão, principalmente através do videoclipe publicitário e musical, o que os profissionais estão fazendo com o computador (PAULINO; BACCEGA, 1999, p. 76).

Martín-Barbero (1999) anunciava as possibilidades da TV, que se tornaram ainda mais potentes na era digital, dado o movimento vertiginoso da convergência de mídias em um contexto que permite o acesso e a exploração ainda mais contínuos. Nessa perspectiva, as possibilidades educativas se ampliam, já que, de uma cultura televisiva centrada numa relação de transmissão unilateral de um produtor para muitos consumidores, temos hoje, com a TV digital, a dinamização dessa relação, compreendendo uma interação mais ativa e produtiva daqueles que seriam apenas consumidores. Nesse sentido, a linguagem televisiva se mescla com uma diversidade de expressões: ao mesmo tempo em que produz uma especificidade ao lidar com a imagem em movimento, também é produzida e recriada continuamente. Conforme Sibilla (2012, p. 84):

A televisão atual difere muito daquela que alimentou a subjetividade dos que hoje têm mais de quarenta anos, por exemplo, porque os usos que ela suscita são outros; portanto, a criança contemporânea que vê a televisão difere daquela que se sentava na frente do televisor há um par de décadas. Já não se trata de observar, escutar, receber e interpretar mensagens enquadradas em gêneros específicos e bem definidos – além de ordenadas conforme o ciclo de princípio, meio e fim –, transmitidas de maneira estável e sem a mediação do controle remoto, com horários preestabelecidos e emissão claramente descontinua. Ao contrário, a televisão atual emite um fluxo de informações fragmentadas e dispersas, para cujo consumo o zapping – ou a troca acelerada e consecutiva de canais graças ao controle remoto – constitui um elemento fundamental (SIBILLA, 2012, p. 84).

Essa experiência adentra a escola, e o modo como a cultura escolar é estruturada se confronta cotidianamente com a subjetividade daqueles que chegam carregados por essas vivências digitais. Modos de ser, pensar e agir que entram em conflito com a forma escolar, e desafiam pedagogicamente uma interação produtiva em termos de educação. Desta forma, diversos autores têm tratado sobre a relevância de a educação atentar-se para esse contexto e relacionar-se de forma mais efetiva com essas mudanças de cenário sociocultural. Belloni (2012), uma das proeminentes pesquisadoras sobre mídia-educação no contexto brasileiro, tem tratado dessa relação nesse cenário de cultura digital e afirma que: “a mídia-educação é hoje tão necessária ao exercício completo de uma cidadania ativa, quanto era, no início do século XIX, o domínio da leitura e da escrita” (BELLONI, 2012, p. 53). Para essa autora, as definições de mídia-educação na atualidade incluem as seguintes perspectivas:

Inclusão digital: a apropriação dos modos de operar essas “maquinas maravilhosas” que abrem as portas do mundo encantado da rede mundial de computadores, possibilitando a todos se tomarem produtores de mensagens midiáticas; Dimensão do objeto de estudo: a “leitura crítica” de mensagens, agora ampliada para todas as linguagens das telas; Dimensão do meio de expressão: indispensável para o exercício da cidadania, ou seja, para estimular a participação ativa dos jovens baseada na valorização das diversidades culturais e identitárias; Dimensão de ferramenta pedagógica: diz respeito ao seu uso [mídia-educação] em situações de aprendizagem, ou à integração aos processos educacionais (BELLONI, 2012, p. 53, **grifos da autora**).

Tais perspectivas acenam para uma relação ampliada com as mídias, que compreende incorporá-las de maneira crítica e criativa no cotidiano educativo. De saída, pode-se dizer que os estudantes matriculados na educação de jovens e adultos que participaram de nossa pesquisa de campo possuem certas características que os identificam em relação ao nível de escolaridade, acesso às redes sociais e ao uso de TV aberta, que demonstram, em parte, a diversidade dos sujeitos da EJA. Antes, porém, de apresentar, de forma detalhada a nossa pesquisa, e para facilitar o nível de compreensão sobre o público abrangido por ela, dividimos os estudantes em quatro categorias etárias: adolescentes (com idade entre 15 e 17 anos); jovens (com idade entre 18 e 29 anos), adultos (com idade entre 30 e 50 anos) e adultos/idosos (com idade entre 52 e 73 anos). Cumpre destacar que os sujeitos que compõem este último grupo nasceram no interior de

Minas Gerais, viveram no campo, possuem trabalho informal e apenas um deles está aposentado. Eles são casados e possuem cinco filhos ou mais. Seus pais não tiveram acesso à educação. Esses educandos trazem um histórico de interrupção da escolaridade quando criança e/ou adolescente para priorizar o trabalho e o sustento da família. Eles não possuem acesso às redes sociais, não utilizam internet e o principal acesso à informação ocorre através da televisão. Quanto aos alunos entrevistados que têm idade entre 15 e 50 anos, nasceram em Belo Horizonte, tendo tido sempre uma vida ligada à cidade. Seu nível de escolaridade é maior do que o primeiro grupo, já que tiveram acesso à escolarização na infância. Eles também acessam às redes sociais e demonstram ter grande interesse em ampliar seus conhecimentos em informática.

Veja o quadro abaixo:

Caracterização geral dos alunos pesquisados

Diversidade Geracional	Quantidade/faixa etária	Nível de escolaridade
Adolescentes	3 (entre 15 e 17 anos)	Todos em turmas de certificação
Jovens	8 (entre 18 e 29 anos)	6 em turmas de certificação e 2 em turmas de alfabetização
Adultos	5 (entre 30 e 50 anos)	3 em turmas em alfabetização e 2 estudantes em turmas de certificação
Adultos e Idosos	4 (entre 52 a 72 anos)	4 em turmas de alfabetização

Fonte: dados da pesquisa de campo

Observe-se que há uma relação direta entre geração e nível de escolaridade. Na medida em que aumenta a idade cronológica, aumenta também o número de matrículas em turmas de alfabetização na educação de jovens e adultos. Note-se que não há nenhum adolescente em turmas de alfabetização. Todos os três alunos matriculados na EJA estavam, durante a realização da pesquisa de campo, em turmas de certificação, ou seja, concluindo o ensino fundamental. Entre os jovens (idade entre 18 e 29 anos), dos oito estudantes que participaram de nossa pesquisa, somente dois estavam matriculados em turmas de alfabetização. A situação se in-

verte, no entanto, quando tomamos como referência adultos e idosos. Dos cinco alunos adultos, com idade entre 30 e 50 anos, três estavam matriculados em turmas de alfabetização, ou seja, a maioria dos alunos estavam em processo de aprendizagem das primeiras letras. O número se eleva ainda mais quando passamos a observar alunos com idade acima de 52, aqueles que migraram do campo para cidade, conforme descrevemos anteriormente. Todos os quatro alunos se encontram em processo de alfabetização. Em certo sentido, esse descompasso entre idade e nível de escolaridade se deve ao fato de o ensino fundamental ter se tornado obrigatório no Brasil somente após a Constituição de 1988.

Em relação ao uso das redes sociais e televisão, há também uma clara separação geracional, conforme se pode notar no quadro abaixo:

Estudantes pesquisados, usos de redes sociais e TV Aberta

Diversidade Geracional	Tipos de acesso às redes sociais	Tempo de acesso às redes sociais	Tempo de acesso à televisão aberta	Programações televisivas
Adolescentes	(3) Facebook, (3) WhatsApp (2) Instagram (1) Twitter	Entre 3 minutos e 4 horas	Entre 30 minutos e 1 hora	Malhação e Futebol
Jovens	(8) Facebook (8) WhatsApp (4) Instagram e (1) Twitter	Entre 2 hora e 3 horas	Entre 1 hora e 2 horas	Futebol e noticiários
Adultos entre 30 e 50 anos	(5) WhatsApp (3) Facebook	Entre 1 e 2 horas	Entre 2 e 3 horas	Jornais, programas de auditório e novelas
Adultos, com idade entre 52 e 72 anos	Não acessam às redes sociais	Não se aplica	Entre 3 e 4 horas	Jornais, programas de auditórios, novelas, futebol

Fonte: dados da pesquisa de campo

Há uma relação direta entre diversidade geracional e usos da televisão aberta e redes sociais. Os alunos com idade entre 15 e 29 anos acessam, com frequência, diferentes redes sociais (nessa faixa etária, todos têm conta no Facebook e no WhatsApp). Note que um número menor tem conta no Instagram e no Twitter (6 alunos no primeiro, e dois no segundo). No entanto, essa faixa etária admite acessar pouco à TV aberta. Isso implica dizer que as informações e entretenimentos advêm, em boa parte, das redes sociais. Em relação aos adultos e idosos, a situação é exatamente oposta. Todos admitem um contato mais intenso e diversificado com a televisão aberta, e um menor contato com as redes sociais. O WhatsApp é uma exceção: dos 9 estudantes que se encontram nessa faixa etária, cinco usam regularmente essa ferramenta digital. A questão geracional não interfere somente nas escolhas dos programas televisivos, mas também no uso de outras tecnologias, conforme os três seguintes depoimentos:

Gosto de ver Malhação, mas o que eu prefiro mesmo é mexer no WhatsApp e no Facebook (**educanda, 15 anos**).

Gosto de futebol e reportagem (**educando, 27 anos**).

A televisão é minha principal companhia. Vejo programas de culinária e novelas. Gosto do Programa da Fátima Bernardes (**educanda, 63 anos**).

Note-se que a adolescente de 15 anos acompanha a série Malhação, enquanto adultos e idosos preferem outros tipos de programa. A adolescente prefere, em primeiro lugar, as redes sociais (WhatsApp e Facebook). Os idosos assistem, por sua vez, a programas policiais, reportagens e novelas. Já os adultos preferem futebol e novelas. As mulheres, por sua vez, assistem mais novelas que homens, que têm como principal entretenimento programas esportivos (mais especificamente, futebol) e telejornais.

A amostra de educandos que participaram da pesquisa de campo nos pareceu significativa para evidenciar a distinção do uso da televisão e das tecnologias digitais entre os educandos mais velhos e os mais jovens, explicitando inserções distintas na cultura digital, conforme destacamos anteriormente. Como bem observou Tom Chatfield (2015), há uma divisão de gerações marcada pelos “nativos”, isto é, aqueles que nasceram na era

digital e aqueles que nasceram antes dela. Aqueles considerados nativos possuem uma facilidade maior de acesso às informações através das tecnologias digitais e estabelecem relações de entretenimento e de trabalho através delas. Por outro lado, aqueles nascidos antes da era digital apresentam, algumas vezes, certa resistência e dificuldade de interação com essas tecnologias.

Ao observarmos essa brecha geracional entre os educandos, percebemos que se trata de um desafio a ser enfrentado em termos de superação das condições de acesso e uso entre os nativos e os não nativos digitais. Para além dessa cisão do acesso, as interações estabelecidas também são fundamentais nesse processo. Como apontam Lévy (1999) e Jenkins (2009), as possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais passam pela constituição de uma inteligência coletiva e de uma cultura participativa como relações potenciais.

Do analógico ao digital: a televisão em debate

Construir conhecimento em sala de aula sobre as tecnologias digitais assume significativa relevância, especialmente quando, ao olharem para a televisão como objeto de estudo, os estudantes compreendem o potencial educativo trazido por esse veículo de comunicação. Abaixo, trazemos dois trechos no quais estudantes comentam sobre algumas atividades realizadas em sala de aula, tendo a coleção Conexão Escolares com a Televisão Digital como objeto de reflexão.

A professora estudou com a gente sobre a chegada da televisão. Gostei da história do telezinho, porque vivi isso na infância. Todas as noites, íamos a casa de uma amiga da minha mãe, para assistir novela (**educando, 44 anos**).

Gostei de ouvir a professora falar sobre o início da televisão. A primeira vez em que assisti a televisão, eu tinha trinta anos, eu já morava em Belo Horizonte. Na roça, a gente só escutava rádio (**educanda, 73 anos**).

Já as entrevistas com adolescentes, jovens, adultos e idosos da EJA nos permitiram inferir que organizar atividades em sala de aula, tendo a televisão como objeto de estudo, é uma maneira de aproximar os conhecimentos escolares da realidade desse público.

Eu achei incrível ver como que os formatos da televisão mudaram. Antes, era grande, de válvula, muito esquisito. Hoje a televisão é um móvel que embeleza a casa. Antes, as imagens eram em preto e branco, com muito “chuviscos”, hoje a TV é maravilhosa. Com a chegada da TV digital, aí que a coisa ficou bom, sô **(educando, 26 anos)**.

Pode-se destacar que a fala do educando não é única, uma vez outros estudantes enfatizaram o seu encantamento pelas imagens em HD. Identificamos, em nossa investigação, que a televisão digital, no imaginário de parte dos alunos da EJA entrevistados, constituía-se muito mais um aparato técnico para garantir a transmissão dos programas televisivos em alta qualidade de imagem, do que propriamente uma tecnologia que proporciona uma série de recursos interativos e serviços como multiprogramação, acessibilidade, acesso à internet, mobilidade, dentre outros, como se percebe nos depoimentos a seguir.

Sempre gostei de assistir a futebol, mas agora a TV está uma beleza. Acho mais confortável e seguro assistir em casa do que ir ao estádio **(educando, 38 anos)**.

As novelas estão com imagens melhores. Os artistas ficaram mais bonitos ainda **(educanda, 44 anos)**.

No entanto, vale ressaltar que, para 25% dos entrevistados, a melhoria sonora proporcionada pela TV digital é lembrada como um aspecto significativo, como podemos observar na fala dos dois educandos abaixo:

A televisão está uma benção, graças a Deus. Pega todos os canais limpinhos. Eu gosto também do som da televisão. Agora, eu escuto melhor o que dizem! Assisto a novelas, jornais e programa policial! **(educanda, 66 anos)**.

Sempre gostei de assistir a programas policiais: Balanço Geral, Datena, futebol e Jornal Nacional. Agora com a imagem sem nenhum “embaçamento” e som nítido, dá mais gosto ainda de ver televisão **(educando, 73 anos)**.

Observe que os depoimentos são de dois idosos. Assim, pode-se supor que isso ocorra em virtude de perda auditiva, fato comum entre pessoas dessa faixa etária. No entanto, os estudantes da EJA não são apenas apre-

ciadores de imagem e do som da TV digital. Eles gostam, antes de tudo, de assistir à televisão.

É muito importante, porque você fica por dentro das coisas que estão acontecendo. A gente precisa ver jornal, ver as notícias. Assistir a uma novela distrai a cabeça **(educanda, 44 anos)**.

Por tudo isso, está claro que a educação de jovens e adultos pode ser um locus fecundo para um debate sobre mídia e educação no contexto escolar. Faz-se, assim, necessário incluir estudantes dessa modalidade nesses debates, a fim de que possam desenvolver uma postura crítica frente ao cenário digital que nos circunda. Os dados explicitados pelos educandos da EJA nos indagam sobre a perspectiva de inclusão digital que se estabelece no cenário da cibercultura. O conceito de inclusão digital envolve a preocupação com a garantia do direito de acesso à informação. Assim, “a inclusão digital deve ser vista sob o ponto de vista ético, sendo considerada como uma ação que promoverá a conquista da ‘cidadania digital’ e contribuirá para uma sociedade mais igualitária, com a perspectiva da inclusão social” (SILVA et al, 2005, p. 30 apud BRUNO, 2017).

EJA e educação digital: em foco a ocupação estratégica dos professores na construção de novos conhecimentos

Estudos revelam que, a despeito da expansão da mídia e de suas novas linguagens, a escola permanece, não raro, valendo-se, ainda, quase que exclusivamente, do livro didático como principal fonte de conhecimento, ignorando a presença das mídias e tecnologias digitais na vida contemporânea. A linearidade do saber é parte constitutiva do processo educativo na educação de jovens e adultos.

Um dos desafios postos pela educação nos dias de hoje é criação de ambientes de aprendizagem que tornam possíveis situações de trocas de experiências, de construção de conhecimentos significativos. Isso não é possível ser realizado, para especialistas, sem diversificar as práticas pedagógicas. O livro didático, a despeito de seu valor inestimável na educação básica, precisa ser suplementado por outros materiais e recursos. Exatamente por isso, um dos desafios da formação continuada proposta pela **Seja Digital** em conjunto com a FaE-UFMG foi estimular os professores a pensar a te-

levisão como um tema transversal ao currículo da educação básica e como um objeto de estudo.

A gente já fez a capacitação quase já na época de instalar a TV digital. Então, eu já tinha dado umas aulas teóricas e iria fazer uma oficina com os meus alunos. Aí, veio um pessoal da Seja Digital para apresentar para eles. [...] Mas assim, com a ajuda dos cadernos, que traz a parte teórica, eu mostrei bem para eles porque que (sic) estava mudando, e a internet iria ocupar o espaço da frequência. Conversei com eles, mostrei. Muitos já tinham, inclusive, recebido ligação para buscar o kit conversor. Eu até ia fazer uma oficina com eles para montar a antena, porque a gente aprendeu na oficina, mas os mesmos alunos não eram tão carentes que não pudessem comprar uma antena, e muitos já tinham recebido a antena. Inclusive, muitos já tinham recebido o kit, e alguns outros chegaram a comprar o conversor e a antena. Então, só expliquei como que iria funcionar, falei das possibilidades da TV digital [...]. Os meus alunos estão satisfeitos com as mudanças que aconteceram, a questão da imagem, da opção de mais canais, eles estão satisfeitos nesse sentido (**professora Mônica**).

Os educadores notaram, ainda, que é preciso tratar a televisão como objeto de reflexão e considerar o contexto de expansão das tecnologias digitais.

Em relação aos meus alunos, as outras mídias também hoje têm uma influência muito grande, principalmente o WhatsApp [...]. Temos que conversar sobre o WhatsApp, como se prolifera aquela coisa, mas ousou dizer até pelos relatos que ouvimos: a TV ainda é central na vida dos estudantes. Lembrando que estamos falando da educação de jovens e adultos, que atende pessoas que trabalham durante o dia e vêm estudar à noite. E vamos falar das mulheres, que ainda chegam em casa e têm o terceiro turno, pois vão ajeitar as coisas vendo televisão! Acho incrível, mesmo as minhas alunas e alunos mais frequentes sabem o que acontece nas novelas que elas seguem. Muito também do que é consumido pelo WhatsApp vem da televisão (**professor Ronildo**).

Como se pode notar, as atividades realizadas por esse professor, em sala de aula, atendiam apenas a aspectos instrumentais do projeto, como a divulgação da mudança de sinal e a informação sobre as formas de se obter o kit. Tanto as práticas sociais marcadas pela presença das tecnologias

digitais quanto as novas possibilidades educativas suscitadas pela TV digital não foram tomadas como objeto de análise. Outra professora destaca que usa as redes sociais para obter informações quando organiza o seu trabalho pedagógico.

Nas redes sociais, eu também procuro informações por causa dos alunos, porque eu tenho um pouco de resistência com algumas informações da mídia. Eu fiz um blog em 2008, quando fiz um curso pela UERJ sobre a Web 2.0. As tarefas do curso eram criar um blog e um canal no YouTube. Eu pensei assim: “eu vou desafiar”, e fui aprender fazendo. Eu sou tutora a distância, trabalho muito. Ai, a gente vai brigando e vai aprendendo, né? (**Professora Aparecida**).

O depoimento dessa educadora explicita os paradoxos vivenciados pelos sujeitos no processo de convergência e nos remete a considerações de Jenkins (2009, p. 14). Para ele, “é difícil culpar o consumidor por não conhecer a nova linguagem, nem saber o que perguntar, quando se fez tão pouco para educá-lo sobre a convergência”. Em razão de sua experiência como tutora, a referida professora busca trazer para o contexto escolar a importância das novas tecnologias, bem como as novas possibilidades educativas suscitadas pela TV digital. No entanto, em razão de sua desconfiança com as informações das redes sociais e da mídia, o seu trabalho se concentra no aprofundamento de questões geradas na interação da sala de aula. Cumpre sublinhar que houve trabalhos significativos, tomando a televisão como objeto de estudo. O depoimento a seguir, de uma outra professora participante da pesquisa, sustenta que o estudo sobre os meios de comunicação é fundamental na educação de jovens e adultos.

Desde que iniciei meus trabalhos na EJA, noto que a televisão é, e continua sendo, uma das principais fontes de informação. As pessoas mais velhas, então, ainda têm a televisão como a maior fonte de informação. Elas acreditam no que é colocado na televisão como verdade (**professora Nanci**).

A professora nos remete aqui à Pedagogia do Olhar, ou seja, a um processo educativo que interroga o que é visto, mas não é notado.

Eu trabalhei muito com eles a temática das novelas, pois as novelas têm muita influência na sociedade. E, principalmente, os alunos do EJA assistem muito às novelas. Então, por exemplo, qual é a importância da novela? Eu peguei alguns textos que falavam sobre os meios de comunicação para fazer esse histórico, para falar desde o início dos meios de comunicação, do desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil. Acho que peguei do Caderno 2 da Seja Digital. **(Depoimento de uma professora de Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Belo Horizonte).**

A professora se refere ao caderno Trilhas Televisivas, que aborda a influência da televisão na constituição do imaginário, dos afetos, dos comportamentos, das identidades e das subjetividades da sociedade brasileira. Com enfoque no papel pedagógico da televisão na sociedade contemporânea, a autora do caderno fez um percurso pela história da TV, dialogando com as várias trilhas linguísticas, técnicas e discursivas, que esse dispositivo de comunicação foi construindo ao longo dos anos.

Outra professora que acompanhamos no percurso da pesquisa, durante uma atividade em sala de aula – para ampliar as informações dos estudantes sobre o terrorismo no mundo contemporâneo –, questionou a supervisibilidade dada a um atentado que ocorreu em Paris, reivindicado pelo Estado Islâmico, e a superinvisibilidade dada a um atentado provocado pelo Boko Haran, na Nigéria, no mesmo período.

A gente tentou trabalhar como essas informações foram passadas pelos diversos meios de comunicação, especialmente pela televisão, internet e o rádio. Como há muitas informações, os alunos não têm elementos críticos para filtrar informações. A mesma informação é dada por diferentes agências de comunicação com enfoque diferente. Por isso, eu propus que os meus alunos comparassem as ênfases dada aos atentados em Paris e na Nigéria, isto é, o atentado que ocorreu na França e na Nigéria, em 2016. Porque na Nigéria você teve quase 500 envolvidos, duzentos e tantos mortos e mais 200 e tantas pessoas feridas; e na França, acho que não chegou a 50 feridos. O que faz um atentado em um local ter projeções planetárias, e outros se encerrarem em seus próprios territórios? Que lugares ocupam, na economia global, a França e a Nigéria, respectivamente? **(Professora Marta, EJA, Rede Municipal de Santa Luzia).**

Uma outra professora, que se apoiou em dados citados no caderno *Trilhas Televisiva*, para aprofundar seu trabalho em sala de aula, chamou a atenção para o número reduzido de aulas que ela tinha com a turma que desenvolveu o projeto (uma aula por semana, de 45 minutos). A despeito dessa limitação, trabalhou a matéria durante o quarto bimestre.

A televisão chega a 97% da população, enquanto outro bem, por exemplo, a geladeira, chega a 95% da população. Destaquei as características da TV digital, o lugar ocupado pela televisão no mundo contemporâneo (...). Tentei trabalhar essas e outras questões. Mas tive uma limitação, pois tenho uma aula só, e a cada 50 minutos; e à noite, na EJA, são 45 minutos que, muitas vezes, até eles chegarem, você perde um pouco do tempo. Mas, mesmo assim, acho que fiz um excelente trabalho. Os alunos, no 4º bimestre apresentaram trabalho, realizaram provas sobre a temática (**professora Nanci, EJA, Ribeirão das Neves**).

As experiências descritas pelos professores são bastantes diversas. Isso pode ser notado no depoimento de um outro professor, que descreve aspectos abordados em sala de aula, a partir da *Formação Continuada Conexões Escolares com a TV Digital*.

Falei um pouco da história da televisão, usei o texto do telezinho e alguns vídeos que foram apresentados na capacitação, como o trailer do filme *O Show de Truman*, o clipe *Eu Adoro Minha Televisão*, do *Capital Inicial* e a música *Televisão*, dos *Titãs*, que é uma crítica à TV. Trabalhei também um pouco com a memória afetiva dos estudantes mais antigos, sobre como era a vida deles, sem e com a televisão. Tentei descobrir o que eles lembram, e se lembravam de fatos marcantes que viram pela televisão. Aí, vieram as histórias das mortes do *Tancredo Neves* e do *Ayrton Senna*. Também tive o caso de uma senhora, já bem adulta, que foi interessante. Ela ouviu na rua a repercussão que saiu pela televisão da chegada do homem à lua em 1969. Ela não tinha televisão na época, mas é aquela coisa de algo ser noticiado e circular, né? Além disso, eu também pensei em uma sequência específica, que foi relacionar a televisão com o consumo consciente, então trabalhei com vídeo *A História das Coisas* (**professor Ramuth, EJA Belo Horizonte**).

Há ainda a experiência do *Museu Vivo da Televisão*, trabalhado pela professora *Eleusa*. As atividades propostas mostraram o seu envolvimento e abertura para com o tema, bem como a sua mudança de percepção em

relação à televisão, pois, segundo nos confessou, a televisão não era vista como uma aliada do seu processo ensino-aprendizagem, antes.

Durante muitos anos, acreditei que a televisão era uma forte concorrente com a EJA. Afinal de contas, já tive jovens que se ausentaram, nas quartas-feiras, da escola, por conta de futebol; e algumas senhoras deixaram vir à aula por que não queriam perder o último capítulo da novela (**professora Eleusa, EJA, Belo Horizonte**).

Para estudar as linguagens televisivas, a professora organizou uma sequência didática, caracterizando o público da escola que trabalhava na ocasião. Nesse estabelecimento educacional, a idade dos alunos oscilava, em 2017, entre 15 e 77 anos. Dos 105 estudantes matriculados nesse estabelecimento educativo, 65% eram constituídos por pessoas sexo feminino e 35 % masculino; 53% por pessoas que se declararam negras, ao passo que 47% pessoas se declararam brancas. Com a sequência em mãos, a professora procurou diversificar sua prática pedagógica, exibindo filmes, como Família Dinossauro e Show de Truman, e trabalhando textos e letras de músicas (Meus Amores da Televisão, Roberto Carlos; A Televisão me Deixou Burro Demais, Titãs e Eu Adoro Minha Televisão, Capital Inicial, por exemplo). Além disso, criou um mural na escola, com imagens de diferentes tipos de TV, com fotos de artistas de novelas e apresentadores de programas de auditórios. Além disso, trabalhou com os alunos informações sobre a mudança do sinal analógico para o sinal digital e procurou, junto com os alunos, esclarecer questões relacionadas aos aspectos tecnológicos e curiosidades sobre da televisão: migração do sinal analógico para digital: o que muda e o que permanece? Quais as novas possibilidades suscitadas pelo novo padrão de transmissão da televisão? Quem paga os altos salários de apresentadores de programas de auditórios? Como as emissoras de televisão obtêm lucros com suas programações? Qual é o valor de um comercial de televisão, com inserção nacional de quinze segundos, durante o horário nobre? Qual o peso do índice audiência na estruturação de um programa televisivo?

Pode-se dizer, assim, que as entrevistas dadas pelos professores nos permitem afirmar que a migração do sinal analógica de TV para o digital trouxe um contexto favorável para se tratar do potencial educativo da televisão em sala de aula.

Sobre os professores, pode-se dizer que não havia, no grupo, grande variação etária. Dos 10 professores que participaram da pesquisa de campo, as idades oscilaram entre 35 a 45 anos. Somente uma professora tinha a idade de 62 anos. Havia ainda um equilíbrio de gênero (seis mulheres e quatro homens). Todos tinham acesso às redes sociais e preferiam assistir a séries em TV fechada e reportagens em TV aberta. No entanto, admitiram assistir, em menor proporção, a novelas e futebol⁴⁰.

O quadro a seguir sintetiza o perfil dos docentes, tendo como referência, suas respectivas formações acadêmicas, tempo de docência e tempo de atuação na educação de jovens e adultos.

Formação Acadêmica	Tempo de docência na Educação Básica	Tempo de docência na EJA
Pedagogia (6 professores)	3 professores: entre 5 e 10 anos	4 professores: entre 05 e 10 anos
História (3 professores)	6 professores: entre 10 anos e 15 anos	5 professores: mais de 10 anos
Letras (1 professor)	1 professora: entre 15 e 20 anos	1 professora: mais de 15 anos

Fonte: dados da pesquisa de campo

Observe que se trata de professores experientes, com trajetórias consolidadas na educação básica. A maioria já atua como docente há mais de uma década, tanto no ensino fundamental e médio quanto na modalidade de educação de jovens e adultos. Como se pode notar, a maioria dos professores envolvidos era composta por pedagogos. Esse dado não é aleatório: um dos critérios da seleção dos profissionais, além de atuar na educação de jovens e adultos, era se dispor a trabalhar, em sala de aula, a televisão como um projeto transversal. Como se sabe, os cursos de Pedagogia estimulam a construção de um currículo integrado, com abordagens interculturais e enfoques interdisciplinares. Uma das professoras que participaram do projeto fez o seguinte comentário:

A formação continuada tem um valor inestimável para os professores da educação de jovens e adultos porque não tivemos, nos cursos de licenciatura, nenhuma formação específica para trabalhar com esse público. Por isso, eu dou muito valor à formação da **Seja Digital** e da Faculdade de Educação. Aprendi muito sobre um assunto que conhecia pouco: a migração do sinal analógico para o sinal digital. Se não fosse por conta dessa formação, continuaria pensando que a única qualidade da TV digital era a alta resolução de imagem e som. Além disso, não teria construído, em sala de aula, um projeto sobre a televisão (Eleusa, professora, EJA, Belo Horizonte).

Como destacamos anteriormente, a educação de jovens e adultos é uma modalidade da educação básica que requer uma abordagem específica e diferenciada. A condição de não-criança de seus sujeitos implica a construção de novos problemas, novas temáticas e novas abordagens educacionais. Ao tomar como objeto de estudo a televisão, os educadores passaram a refletir sobre o lugar que esse artefato cultural ocupa na vida dos diferentes sujeitos, o que pode significar uma atenção especial sobre a questão da educação midiática.

Considerações finais

A pesquisa de campo nos revela que diversidade geracional não pode ser vista como limite para uma educação midiática na educação de jovens e adultos. Pelo contrário, os dados empíricos nos permitem inferir que há aqui uma grande potencialidade educativa suscitada pelo momento. Os adolescentes e jovens, imersos nas redes sociais, estão saturados de informações, nem sempre tendo condições de avaliar a veracidade das mesmas. Além disso, eles não têm dimensão da “bolha” em que estão inseridos digitalmente, o que limita a ampliação dos seus campos de escolha.

As entrevistas concedidas pelos alunos podem ser um dos pontos de partida para se construir um currículo de educação de jovens e adultos, tendo como foco as redes sociais, ponto que não foi objeto de estudo na formação continuada promovida pela **Seja Digital**. Cumpre indagar, aqui, como os adolescentes e jovens distinguem um evento real de uma Fake News. Se eles separaram uma informação principal de informações secundárias, em um determinado texto. Se analisam fontes, identificando quem, quando, como e por que se produziu determinada informação. Tais

questões são pontos de partida para se construir propostas educativas para os grupos mais jovens que se encontram na educação de jovens e adultos.

A respeito dos estudantes adultos e idosos, pode-se dizer que o educador pode se valer das experiências que tomaram a televisão como tema transversal. Joan Santacana (2005), em seu artigo *Enseñar Historia con los Objetos*, chama-nos a atenção para um fato pouco notado no âmbito educacional: os objetos que foram usados por gerações passadas e se encontram em desuso no presente podem ser utilizados como recursos didáticos importantes na educação básica. A televisão é, certamente, um desses objetos. Afinal de contas, seu formato passou por profundas transformações; o mesmo se pode dizer sobre seus padrões tecnológicos de transmissão e seu lugar na sociedade. Assim, podemos indagar: o que essas mudanças nos comunicam?

O mesmo autor nos lembra que a pedagoga Maria Montessori (1870-1952) foi a primeira estudiosa a formular o axioma de que os objetos também ensinam. Para ela, o uso de objetos, no contexto escolar não é um simples acessório para os educadores. Trata-se de um elemento central, que indaga sensorialmente os educandos, instigando sua curiosidade e desejo de conhecer. Joan Santacana (2005) destaca, ainda, que o médico e psicólogo belga, Decroly (1871-1932), segue na mesma direção, sustentando que os centros de interesses dos educandos têm como pontos focais a visão, o tato e o olfato. Isso porque os sentidos mobilizam a emoção e a cognição em busca pelo saber. Ele chegou, assim, à conclusão de que há três tipos de exercícios fundamentais no processo educativo quando se trabalha, em sala de aula, com objetos: a observação, a associação e a expressão. Para ele, a observação direta do objeto permite que os educandos estabeleçam associações de causa e efeito, de tempo e de espaço. Isso faz com que tenham elementos para se expressar, fomentar novos saberes.

Dessa maneira, a construção do Museu Vivo da Televisão possui bases epistemológicas sólidas no campo educacional. A televisão analógica, que marcou a infância de muitos estudantes, especialmente os adultos e idosos, é um objeto concreto que pode ser observado por diferentes ângulos. Trata-se de um material que integra a memória coletiva de parte dos estudantes dessa modalidade educativa. Como vimos, esse trabalho edu-

cativo, estimulado pelos princípios da Pedagogia do Olhar, já se iniciou na educação de jovens e adultos na cidade de Belo Horizonte. No entanto, dado seu potencial educativo, ele precisa ser ampliado e difundido socialmente.

Os dados empíricos da pesquisa de campo demonstram que a **Seja Digital** cumpriu um importante papel nesse processo: a) além do suporte financeiro aos bolsistas, em um contexto de redução de investimento em pesquisa, assegurou que os mesmos entrassem em contato com EJA, conhecendo seus sujeitos e demandas de aprendizagem; b) por meio da formação continuada, estimulou os professores a promover a educação midiática, tomando como ponto de partida a TV digital; c) por meio da pesquisa, permitiu caracterizar o perfil dos educandos e delinear os contornos dos trabalhos pedagógicos dos educadores.

Os resultados da pesquisa nos revelam que a luta pelo direito à informação e à comunicação não se encerra com a migração da televisão analógica para TV digital. Em certo sentido, podemos dizer que está apenas começando.

Referências

- ALVES, Lynn Rosalina Gama. **Game over: jogos eletrônicos e violência**. 2004, 249P. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador.
- ALVES, Lynn Rosalina Gama. Relações entre os jogos digitais e aprendizagem: delineando percurso. In: **Educação, Formação & Tecnologias**, vol. 1 (2), p. 3-10, novembro, 2008. disponível na URL: <http://eft.educom.pt>. Acesso em 18 de janeiro de 2015.
- BARBERO, J. M. **Sujeito, educação e cultura**. Entrevista. Revista Comunicação e Educação. USP. 1999. N.15
- BELLONI, Maria Luisa. Mídia-educação: contextos, histórias e interrogações. In: Fontin, M, RIVOTELLA, P. C. (org.) **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2012.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- CHATFIELD, Tom. **Como viver na Era Digital?** Trad. Bruno Fiuza. São Paulo: Objetiva, 2012.